



Estratégias de produção e comercialização a partir da percepção do agricultor sobre o consumidor nas feiras de alimentos orgânicos no município de Pato Branco – Paraná

Marcia Domênica Cunico Barancelli¹

Wilson Itamar Godoy²

Miguel Angelo Perondi³

Norma Kiyota⁴

RESUMO: Os alimentos orgânicos comercializados nas feiras agroecológicas promovem transformações sociais que geram padrões mais sustentáveis de produção e consumo, contribuindo para um novo paradigma de desenvolvimento. Para tanto, este estudo tem como objetivo revelar as estratégias de produção e comercialização a partir da percepção do agricultor/feirante sobre os hábitos do consumidor em feiras agroecológicas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva realizada a partir de um estudo de caso no ano de 2019, com agricultores/feirante de uma feira agroecológica. A pesquisa evidenciou que, na percepção dos feirantes, os consumidores buscam por alimentos de qualidade, saudáveis, e com diversidade alimentar para o consumo semanal, também demonstraram preocupação com a origem do alimento e seu impacto ambiental, os agricultores estabelecem a partir disso estratégias de produção e comercialização que visem atender essas demandas e contribuir para uma conscientização de um consumo mais sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia. Alimento Orgânico. Produção. Consumo.

PRODUCTION AND MARKETING STRATEGIES BASED ON THE FARMER'S PERCEPTION OF THE CONSUMER AT ORGANIC FOOD FAIRS IN THE MUNICIPALITY OF PATO BRANCO - PARANÁ

ABSTRACT: The organic food sold by agro ecological fairs promote the social transformations to generate sustainable changes in the production and consumption patterns, contributing to a new development paradigm. To this end, the study aims to reveal the production and commercialization strategies based on the perception of the producer / seller about the consumer at agro ecological fairs. This is a qualitative, descriptive research carried out based on a case study in 2019, with producers/sellers at an agro ecological fair. The research showed that, in the perception of producers, consumers look for quality, healthy food, with food diversity for weekly consumption, they also showed concern with the origin of the food and its environmental impact, the producers establish from their strategies of aimed at meeting these demands and contributing to an awareness of more sustainable consumption.

¹ Doutoranda pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná em Desenvolvimento Regional. E-mail: marcia.domenica@ifpr.edu.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR. E-mail: godoyutfpr@gmail.com

³ Docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: perondi@utfpr.edu.br

⁴ Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. E-mail: normak@idr.pr.gov.br

KEYWORDS: Agroecology. Organic Food. Production. Consumption.

INTRODUÇÃO

O impacto ambiental e social do uso (e intensificação) de agroquímicos nos agroecossistemas geram custos ambientais pela contaminação das águas e solos, ocasionando danos à biodiversidade e o envenenamento dos alimentos e pessoas, além do esgotamento acelerado dos recursos não renováveis, colocando em dúvida o próprio projeto modernizador que se baseou na mercantilização de todas as esferas da vida por meio da racionalidade econômica e instrumental (FLORIANI, 2010).

Essa problemática é o ponto de discussão epistemológico relacionado à Agroecologia, que se dá a partir da concepção da modernização reflexiva de Giddens e da sociedade de risco de Beck, com as ideias de totalidade, universalidade e objetividade do conhecimento que conduziu à coisificação do mundo e a sua economização (GIDDENS ET AL, 1997; LEF, 2001; FLORIANI, 2010; BECK, 2011).

Parte-se, portanto, da ideia de reforma desses antigos sistemas de entendimento e explicação da realidade ambiental, aderidos a uma racionalidade econômico-instrumental, postos à prova e questionados quando da incapacidade de responder aos complexos problemas de ordem socioambiental derivados da radicalização dos riscos da sociedade moderna industrial. Concebida como saber ambiental, a Agroecologia emerge em meio ao cenário de crise da modernidade (LEFF, 2001; FLORIANI, 2010).

A agroecologia como uma ciência complexa e integradora, se constrói em um novo paradigma de desenvolvimento, capaz de contribuir para o enfrentamento da crise socioambiental vigente. Para Caporal e Costabeber (2006), a agroecologia constitui-se em um campo do conhecimento científico que, partindo de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica, pretende contribuir para que as sociedades possam redirecionar o curso alterado da coevolução social e ecológica, nas suas múltiplas interrelações e mútua influência (CAPORAL; COSTABEBER, 2006; ALTIERI, 2012).

Esse campo do conhecimento, também, contribui para o manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis, em perspectiva de análise multidimensional (econômica, social, ambiental, cultural, política e ética). Neste sentido, a ciência agroecológica passa a constituir uma matriz disciplinar integradora de saberes, conhecimentos e experiências de distintos atores sociais (CAPORAL; COSTABEBER, 2006).

Nessa temática, o fenômeno da alimentação emerge de práticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável e da agricultura em bases ecológicas. O conceito de segurança alimentar é definido pela Organização das Nações Unidas para

Agricultura e Alimentação (FAO) em 1996, que afirma que este trata de assegurar o acesso aos alimentos para todos e a todo o momento, em quantidade e qualidade suficientes para garantir uma vida saudável e ativa.

No Brasil, esse conceito é ainda mais complexo, trata-se da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) que a partir da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional⁵ (LOSAN) de 2006 foi definido como a “realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis” (BRASIL, 2006, p.1).

Assim, a produção de alimentos orgânicos é estratégica para garantir a segurança alimentar e nutricional da população, fortalecer uma agricultura em bases ecológicas para além de um fator biológico, pois envolve a pessoa e o alimento a partir de um complexo sistema (BRANDEMBURG et al., 2016).

Nesse sentido, vale ressaltar que a referida produção contribui na redução da insegurança alimentar da população, uma consequência da não-realização do direito à alimentação saudável (FAO, 2016).

A fim de garantir a segurança alimentar e nutricional (SAN) é necessário implementar um novo estilo de agricultura sustentável que utiliza princípios científicos da Agroecologia. A verdadeira modernização da agricultura exige que o manejo dos recursos naturais e a seleção de tecnologias usadas no processo produtivo sejam o resultado de uma nova forma de aproximação e integração entre Ecologia e Agronomia, onde os estilos de agricultura devem ser compatíveis com a heterogeneidade dos agroecossistemas. Além disso, deve-se levar em conta os conhecimentos locais, os avanços científicos e a socialização de saberes, além do uso de tecnologias menos agressivas ao ambiente e à saúde das pessoas e poupadoras de recursos não renováveis (CAPORAL; COSTABEBER, 2003).

Protagonistas desse cenário, a agricultura familiar e camponesa desempenha papel fundamental na transição rumo à uma economia sustentável, especialmente aqueles relacionados a produção de alimentos saudáveis (BRANDEMBURG et al, 2016). Para tanto, o paradigma agroecológico e de sustentabilidade leva à construção e expansão de novos saberes socioambientais, alimentando e promovendo o processo de transição agroecológica (CAPORAL; COSTABEBER, 2002).

A agroecologia disponibiliza as bases científicas para apoiar processos de transição do modelo de agricultura convencional para uma agricultura sustentável. Neste sentido, o processo de transição agroecológica conduz à produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e componentes químicos sintéticos. Conforme

⁵ LOSAN – Lei nº 11.346, de 15/09/06. Art. 3º. Vejam-se outros artigos da Lei: Art. 1 e Art 2 (BRASIL, 2006).

Caporal e Costabeber (2002, p. 72), os alimentos comercializados nas feiras agroecológicas contribuem na promoção das transformações sociais necessárias para gerar padrões de produção e consumo mais sustentáveis.

Trata-se da produção de alimentos orgânicos provenientes da agricultura de bases ecológicas que se configura em uma experiência efetiva de acesso do consumidor a alimentos de qualidade. Os alimentos orgânicos são grandes aliados da saúde das pessoas bem como do meio ambiente. A produção, livre de agrotóxicos, tem como vantagem a preservação do solo, mantendo intactos os nutrientes da terra e, também, dos vegetais, além de contribuir, respeitar e promover a biodiversidade.

A promoção de dietas saudáveis e sustentáveis dependem, em grande parte, da criação de uma estrutura de relacionamentos no sistema agroalimentar e de diferentes conexões entre os atores. Essas dietas se tornaram um importante objetivo social, visto os impactos que os alimentos ultraprocessados e contaminados por agrotóxicos causam a saúde pública. (BRASIL, 2014; DIAZ-MENDES, LOZANO-CABEDO, 2019; MONTEIRO, 2019)

Neste processo, os consumidores caracterizam-se como atores-chave nas modificações do sistema alimentar e despertam para a importância da saudabilidade dos alimentos na promoção da saúde e prevenção de doenças, destarte é relevante que o agricultor compreenda sua relação com o consumidor a fim de manter essa conexão e garantir a produção, comercialização e o acesso a este alimento (PEREZ-CASSARINO, 2018).

Assim, o estudo parte da seguinte questão norteadora: Qual é a percepção que o agricultor da feira agroecológica tem sobre o consumidor e como estabelece suas estratégias de produção e comercialização a partir disto?

Para tanto, tem-se como objetivo revelar as estratégias de produção e comercialização a partir da percepção do agricultor/feirante sobre o consumidor em feiras agroecológicas.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, realizada a partir de um estudo de caso das feiras agroecológicas no município de Pato Branco, no período de outubro a dezembro de 2019. Tem como participantes os agricultores da Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro Jardim Primavera e da Feira de Produtos Orgânicos realizada no campus da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

As Feiras dos Bairro de Pato Branco iniciaram a partir de um projeto da UTFPR em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná IAPAR-EMATER (IDR-Paraná), a partir da experiência já desenvolvida na feira orgânica no campus

da UTFPR. As feiras ocorrem em três bairros do município de Pato Branco, Jardim Primavera, Cristo Rei e Planalto e, também, fazem parte do projeto “Plataforma da Comida Saudável” do Fórum Regional das Organizações e Movimentos Sociais Populares do Campo e da Cidade do Sudoeste do Paraná (TRENTIN; PERONDI, 2019).

O aspecto qualitativo do objeto considera o sujeito de estudo, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados” (MINAYO, 2000). Assim, a partir do objetivo geral de revelar as estratégias de produção e comercialização a partir da percepção do agricultor sobre o consumidor em feiras agroecológicas, o estudo buscou, também, como objetivos específicos, identificar o perfil epidemiológico dos agricultores; identificar aspectos relacionados ao autoconsumo e soberania alimentar dos agricultores a partir da sua prática nas feiras agroecológicas e conhecer o significado de sustentabilidade para os agricultores das feiras agroecológicas relacionado à sua atividade.

Metodologicamente, a coleta de dados envolveu os procedimentos de observação participante nas feiras agroecológicas, reuniões e na viagem de troca de experiências “via da alimentação saudável”, além da realização de entrevistas semi-estruturadas com os agricultores/feirantes utilizando-se da análise temática de Minayo.

Os sujeitos participantes da pesquisa são os agricultores/feirantes que participam das feiras agroecológicas no município de Pato Branco, configuram-se em um agricultor do município de Pato Branco, três agricultores e uma agricultora da Cooperativa dos Produtores Orgânicos e Agroecológicos do Sudoeste do Paraná (Coopervereda) que representa cerca de quarenta produtores certificados orgânicos ou em transição. Nos discursos são sinalizados por A: agricultor e F: feirante (A/F1, A/F2, A/F3, F4, A/F5).

Foram analisadas as variáveis de gênero; idade; escolaridade; número de pessoas no estabelecimento que trabalham na produção; situação da unidade de produção; situação quanto às feiras (apenas agricultor, apenas feirante, agricultor/feirante); motivo pelo qual produz de forma agroecológica; fonte de renda mensal; tempo que trabalha com o sistema agroecológico; local da unidade de produção e participação em associação, cooperativa ou sindicato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao considerar a natureza como um subsistema, o sistema capitalista gera um processo de produção e consumo incessante e ilimitado dando origem a um processo de obsolescência planejada⁶ reproduzindo, para Souza (2007), um aspecto

⁶ Obsolescência planejada: processo em que a produção e fabricação de mercadorias apresentam em determinado período de tempo limitações que as tornam rapidamente obsoletas, aumentando consideravelmente o consumo. Sendo assim a obsolescência planejada é uma forma de produção que gera o aumento do consumo no sistema social capitalista com o

indesejável ao contexto socioambiental do planeta. Caporal (2009) considera que os monocultivos que imperam neste modelo, baseados nas práticas e tecnologias da chamada Revolução Verde, têm sido responsáveis por um conjunto de externalidades que levaram a uma crise socioambiental sem precedentes na história da humanidade. Destarte, os danos causados às funções da biosfera, que afetam a disponibilidade de recursos (renováveis, não renováveis e contínuos), são ocasionados, para Georgescu-Roegen (1971), pela natureza entrópica do processo econômico.

A agroecologia se propõe a um novo enfoque científico para reorientar os processos produtivos e estratégias de desenvolvimento que minimizem os impactos ambientais e para a saúde das pessoas. Vale ressaltar que os processos de produção agropecuária convencional hoje vigentes, provocam alta entropia⁷ e deterioram as bases ecológicas que sustentam a capacidade de atender as necessidades de uma alimentação com qualidade para a humanidade (CAPORAL, 2009; MULLER, 1999)

A produção de alimentos ocupa lugar de destaque, onde as estratégias de desenvolvimento rural devem priorizar o aumento da oferta destes, com qualidade que assegure a saúde dos produtores e consumidores, além de preservar o planeta terra para as futuras gerações.

Nesse sentido, as feiras livres agroecológicas representam um estímulo às cadeias curtas de produção e comercialização de uma agricultura sustentável, ponto chave para a promoção da segurança e soberania alimentar e nutricional e do desenvolvimento territorial sustentável. Desta forma, a agroecologia é a ciência que estabelece a base para o conhecimento científico na construção de novos saberes, o que representa um novo paradigma de desenvolvimento (CAPORAL; COSTABEBER, 2002; CAPORAL, 2009; SCHNEIDER; FERRARI, 2015; BRANDEMBURG; GIORDANI, 2016).

O PERFIL DOS AGRICULTORES/FEIRANTES

Foi identificada uma quantidade superior de homens responsáveis pela unidade de produção familiar e comercialização quando comparado com o número de mulheres. Em ambos os gêneros, foi observado que houve uma frequência maior no grupo de pessoas com idade entre 41 a 50 anos.

Segundo Andrews et al (2019), apesar das mulheres muitas vezes estarem invisibilizadas nos sistemas alimentares, paradoxalmente representam a maior parte dos produtores de alimentos e trabalhadores agrícolas. Além do poder de reconectar as pessoas com a natureza são detentoras dos conhecimentos tradicionais

intuito de manter a economia (SOUZA, 2007).

⁷ Entende-se por entropia um conceito da termodinâmica que mede a desordem das partículas de um sistema físico, neste texto refere-se ao equilíbrio necessário para minimizar os impactos sobre a resiliência do ecossistema global (CAPORAL, 2009; MULLER, 1999).

e utilizações culinárias dos alimentos.

Conforme relato do produtor A/F5, as mulheres são detentoras desta habilidade de produção, processamento e uso:

“Minha esposa tem receitas e conhecimento tradicional para a produção de processados, receitas culinárias. A família e o conhecimento tradicional ajudam como estratégias de venda”. (A/F5)

Quanto à escolaridade, verificou-se a predominância de baixo nível escolar, sendo que todos os produtores possuem somente o ensino fundamental e apenas uma feirante, que trabalha na cooperativa, possui o ensino médio concluído.

Em relação ao número de pessoas no estabelecimento que auxiliam na produção, foi identificado que os filhos trabalham fora e não participam do trabalho no campo.

Em relação as feiras, ressalta-se que, neste estudo, todos os agricultores são feirantes, entretanto uma feirante não é agricultora. Isso se deve ao fato de que, os produtores do município do Verê que participam da feira no município de Pato Branco, possuem uma cooperativa (Coopervereda), onde uma vendedora foi contratada e auxilia os produtores na comercialização e transporte, pois alguns agricultores associados não participam da comercialização na feira e encaminham seus produtos à cooperativa para esta organizar a comercialização. Todos os agricultores/feirantes possuem renda proveniente apenas da produção de alimentos orgânicos e a feirante trabalha exclusivamente com a cooperativa.

Os agricultores/feirantes relatam trabalhar com o produto orgânico há uma média de 15 anos, enquanto que a funcionária da cooperativa está contratada há dois anos. Todos os produtores do município do Verê participam de cooperativa e o produtor do município de Pato Branco participa de sindicato.

O motivo que levou os agricultores/feirantes a produzirem alimentos orgânicos, em uma perspectiva agroecológica, demonstra possuírem uma consciência sobre sua própria saúde e alimentação. Relacionam o alimento orgânico com a saúde, relatando que a alimentação saudável evita muitas doenças relacionadas a uma má alimentação. Também, consideram o alimento orgânico ser mais saboroso que o convencional, relatando utilizar os alimentos produzidos para autoconsumo, destacando a SAN da própria família e enfatizando o seu papel na preservação do ambiente e da natureza. A preocupação em oferecer um produto de qualidade aos consumidores pode ser percebida nos discursos, onde um dos motivos para realizar a transição ecológica está conectada à possibilidade de fornecer alimentos saudáveis para as crianças através da alimentação escolar.

“...O que me levou ir para esse lado de alimentos agroecológicos foi a qualidade do produto, começamos com cestas que era algo diferenciado para o consumidor, algo mais saudável.” (A/F1)

“... O alimento industrializado provoca doenças nas pessoas, do outro lado já tem o remédio da farmácia pronto para isso. São as duas pontas que “eles pegam”. (A/F1)

“... O sabor é bem diferente, o gosto, nas frutas e legumes. O que você produz na propriedade é diferenciado. A gente não agride a natureza, não devemos derrubar árvores para produzir, precisamos otimizar o espaço.” (A/F1)

“... para merenda escolar. É aí quando a gente teve oportunidade de vir para cá. Mudou, a gente tem mais, tipo, mais interesse, que é mais disposição de produzir. Tipo a gente vive bem...” (A/F2)

Segundo a FAO (2016), existe uma coexistência entre a fome e a desnutrição nas deficiências de micronutrientes e a prevalência do sobrepeso e obesidade, ocorrendo, especialmente, devido à falta de acesso a uma alimentação saudável que forneça a quantidade balanceada dos nutrientes necessários para as funções vitais e o bem estar do ser humano. O crescimento econômico e uma alimentação voltada a atender uma sociedade moderna têm levado a mudanças nos padrões alimentares. Observa-se uma diminuição em preparações culinárias tradicionais baseadas em alimentos frescos, preparados e consumidos no lar, e uma presença e consumo cada vez maior de produtos ultraprocessados com baixa densidade de nutrientes essenciais, em detrimento de alto conteúdo de açúcar, sódio e gordura. Esta mudança no padrão alimentar tem contribuído para a persistência da desnutrição em todas as suas formas e para a diminuição da qualidade de vida, apresentando uma transição nutricional detectada, da fome à obesidade. Desta forma, o debate da SAN está intrínseco as questões relacionadas à saúde pública (BRASIL, 2014A; FAO, 2016; MONTEIRO, 2019).

Os agricultores/feirantes apontam os problemas de saúde relacionados aos agrotóxicos que enfrentaram no sistema convencional de produção como o principal motivo para optar pela produção de alimentos orgânicos. Atualmente, demonstram em seus discursos, a consciência da saudabilidade em relação ao que comem:

“... a gente faz um grupo da família e optou pela produção agroecológica. Minha sogra estava com problema. A gente tem certeza que é por causa do veneno, por que eles usavam veneno, né. Meu marido também estava com

problema de cabeça...” (A/F2)

“... a gente consegue ter uma vida mais saudável longe do remédio, né. E se tem basicamente tudo lá, né...” (A/F2)

Para tanto, a agricultura de bases ecológicas e a oferta de alimentos livres de agrotóxicos, baseados em práticas agrícolas sustentáveis deveria ser prioridade nas agendas de políticas públicas, visto contribuir para um desenvolvimento sustentável assegurando, além da segurança alimentar e nutricional e a soberania alimentar. Uma diversificação dos meios de vida, que, segundo Perondi (2007), resulta no desenvolvimento rural.

Vale ressaltar que, neste contexto, a multidimensionalidade da sustentabilidade⁸ confere aos agricultores e consumidores uma tomada de consciência sobre a entropia negativa gerada pelo seu padrão de produção e consumo.

Neste estudo, os agricultores preferem manter a tradição da família na produção de alimentos artesanais sem agrotóxicos, preocupando-se com a exposição exagerada ao veneno. Também, salientam que há relevância do alimento orgânico no supermercado, onde percebem elevada procura por parte do consumidor pela confiabilidade do produto, visto que há consumidores que não têm acesso às feiras orgânicas.

“... por tradição da família, onde não utiliza veneno para produção colonial e artesanal de vinagre.” (A/F3)

“Por ser um produto que vende mais e principalmente por não estar tomando litros de veneno por ano. No mercado com o orgânico você vende para todos, o produto certifica. Realizo vendas para supermercados e não tem produção para atender todos os mercados que procuram, além da venda na feira e ainda tem particulares que procuram.” (A/F5)

Vale ressaltar que o feirante (F4) relata a mudança percebida em sua vida após trabalhar na cooperativa. Relatou trabalhar anteriormente como caixa em supermercado e que, as longas jornadas de trabalho, “exaustivas e estressantes” dificultavam o convívio familiar e, conseqüentemente, levavam a uma vida sem qualidade. Hoje, apesar de realizar uma vez na semana o deslocamento de 50 km com os produtos para a feira, relata ter melhorado a qualidade de vida e o tempo

⁸ Caporal; Costabeber (2002) definem seis dimensões de análise da sustentabilidade, levando-se em conta três distintos níveis hierárquicos: dimensões ecológica, econômica e social (primeiro nível); dimensões cultural e política (segundo nível); e dimensão ética (terceiro nível). Concluem pela necessidade de aprofundar e qualificar esse debate, já que uma análise equivocada da sustentabilidade pode comprometer severamente nossa capacidade adequada de intervenção em processos de transição apoiados nos princípios da Agroecologia.

disponível para outras atividades, além de, considerar o ambiente mais amistoso e solidário.

Os agricultores/feirantes do município do Verê relatam ter uma rede de apoio local, a cooperativa (Coopervereda) e o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA), uma organização não governamental, ambas com sede no próprio município. É possível identificar nos discursos a relevância desta organização, tanto para o agricultor/feirante, como para o consumidor que manifesta o interesse sobre a garantia de procedência e confiabilidade do produto.

“Os consumidores perguntam sobre a origem do alimento e impressionam-se em saber que a cooperativa representa vários produtores certificados”.
(F4)

AS ESTRATÉGIAS DO AGRICULTOR/FEIRANTE A PARTIR DA PERCEPÇÃO SOBRE O CONSUMIDOR

Os produtores sabem que o consumidor procura por um alimento saudável, mas, consideram que ainda há uma falta de informação sobre o alimento orgânico e uma consciência sobre o conceito de agroecologia. Percebem que o consumidor busca pela diversidade, porém, há um desconhecimento sobre o processo produtivo e a época de produção de cada alimento.

“O consumidor do mercado confunde o orgânico com o hidropônico⁹ e com outros, falta informação no mercado... Na feira, o consumidor procura variedade e produto fresco, para o consumo semanal...” (A/F1)

“Percebemos que o consumidor começou a procurar por alimentos orgânicos e artesanais... para nós uma forma de manter a propriedade ativa com alimentos orgânicos. O consumidor quer o produto, além de bonito que seja bom, questiona o valor do produto, mas percebe que é um produto diferenciado do mercado. O consumidor se preocupa, às vezes, muito com o preço. O consumidor deveria perceber aqui que o produto é fresco, feito no dia. O consumidor ainda precisa de mais informação.” (A/F2)

“Não tem um produto em especial e nem pode ter, precisa ter variedade, diversificar para conseguir o consumidor.” (A/F5)

⁹O cultivo hidropônico refere-se a técnica do cultivo de plantas sem o solo, em ambiente protegido. As plantas são cultivadas sobre suportes artificiais, em água, e recebem soluções químicas para nutrição e tratamento de eventuais doenças. (SANTOS E MONTEIRO, 2008).

Dados da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) apontam um aumento na taxa de crescimento no consumo de produtos orgânicos no Brasil na ordem de 25% a 30% em 2017, demonstrando que a comercialização de alimentos orgânicos é um segmento econômico promissor. (BRASIL, 2018).

Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o estado com o maior número de propriedades rurais orgânicas no Brasil é o estado do Paraná, onde se encontram mais de duas mil unidades certificadas (BRASIL, 2019). “Mas o universo da produção orgânica é muito maior”, conforme o CPRA (2020), “mais de 10 mil produtores, em todo o estado, que já praticam a agricultura de base ecológica, estão em fase de transição ou certificação”.

Para a agricultura familiar e camponesa inserida neste cenário, considerados como atores-chave para a segurança alimentar regional, a percepção sobre o consumidor é essencial para organizar suas estratégias de produção e comercialização a fim de garantir a oferta destes alimentos e atender a novos padrões de consumo e produção, além de preservar o capital natural, uma forma de cadeia circular da economia, a economia da sobrevivência. (MULLER, 1999; CAPORAL; COSTABEBER, 2002; CECCIN; MAGALHÃES, 2007; CAPORAL, 2009; ALTIERI, 2012).

Os agricultores relatam a preocupação com a organização entre os colegas de feira e a solidariedade para que todos tenham espaço e comercialização garantida. Percebem que, para o consumidor, é relevante saber sobre a origem do produto, confiabilidade sobre quem o produz e que o fato do produtor estar presente no momento da venda faz diferença segundo os discursos.

“Para isso é importante um trabalho de equipe, para não exceder muito (refere-se à organização entre os produtores para a variedade) ... Se concentra nos produtos que consegue trabalhar na sua propriedade. O que cada produtor tem mais facilidade de produzir, conforme sua afinidade... Não pode todo mundo produzir alface, por exemplo. Depende do terreno, de máquina, de irrigação... diferente de quem só tem a estufa...” (A/F1)

“No mercado, se faltar uma etiqueta no pé de alface, isso volta e não vende. Aqui na feira os clientes estão esperando já para comprar, pois eles te conhecem. É uma relação de confiança.” (A/F5)

Pela fala dos entrevistados, nota-se que a busca do consumidor se dá por alimentos frescos para o consumo semanal. Além disso, os relatos demonstram que o agricultor percebe a preocupação quanto ao preço por parte do consumidor

e evidenciam que os consumidores de baixa renda não se fazem presentes nas feiras. Também, nota-se a percepção em relação a diferenciação de públicos em determinados locais de feira, em relação a idade e ao hábito de consumo.

“Ainda o consumidor leva pequena quantidade, para a semana e tem preferência pelo alimento fresco.” (A/F3)

“O consumidor mudou, inclusive o nível social. Antes era a classe baixa, agora só classe com nível financeiro melhor”. (A/F3)

“Atendemos públicos diferentes na feira da universidade, são públicos diferentes. Jovens pedem produtos de consumo na hora e pessoas mais adultas levam para casa.” (A/F4)

Os agricultores/feirantes consideram que devem aprimorar suas estratégias de comercialização mediante as demandas apresentadas pelo consumidor, relatam a necessidade de inovações e expansão da feira e, também, as dificuldades apresentadas pelo consumidor quanto ao preparo de alimentos e a necessidade de praticidade em função da falta de tempo, aspectos estes presentes na modernidade.

Sugerem como práticas de inovação, necessárias e importantes, o pré-preparo culinário e a possibilidade de viabilizar a entrega em casa de cestas de produtos orgânicos. Referem-se a influência do poder da mídia nas propagandas enganosas sobre os hábitos de alimentação e a falta de informação e consciência do consumidor, onde os alimentos industrializados, os “ultraprocessados”, não deixam explícitos os riscos que oferecem à saúde coletiva.

Para Godoy e Dos Anjos (2007), as feiras-livres são espaços onde acontece a troca de saberes da economia local e esta socialização entre agricultores e consumidores denotam um importante aspecto político de crescimento da cultura gastronômica.

“[...] levar a receita junto com o produto, orientar o consumidor sobre o preparo do alimento, isso estamos planejando fazer, principalmente quando não é um alimento típico da região que a gente cultiva. O consumidor gostaria de levar para sua casa, mas não sabe o que fazer com o produto, não sabe mais preparar o alimento. Ele quer o saudável, mas não sabe como consumir...” (A/F1)

“O consumidor deve buscar mais informação. A TV mostra uma ilusão sobre os alimentos...que não são o que está vinculado a mídia. Devemos

também levar mais informação para o povo conhecer o que é o produto orgânico.” (A/F1)

“[...] melhorar e aprimorar a qualidade para garantir ao consumidor um produto de qualidade. Precisa melhorar os pontos de venda, espaços pequenos, falta estacionamento em determinados pontos de feira na cidade. O consumidor busca pelo conforto...” (A/F3)

“[...] interesse em ter cestas sustentáveis, cestas de produtos orgânicos. Também trocaria o mercado pela oportunidade de participar de mais feiras (o produtor realiza entrega de produtos orgânicos para os mercados também).” (A/F5)

Segundo os relatos colhidos nas entrevistas, o consumidor que frequenta as feiras já consegue diferenciar o sabor dos alimentos industrializados em contraponto ao sabor dos alimentos orgânicos e busca o resgate de práticas culinárias que garantem uma alimentação adequada e nutritiva.

Para os agricultores/feirantes, a cooperativa, por possuir uma cozinha industrial, possibilita a realização do processamento de determinados alimentos. Estes produtos, além de atender a demanda do consumidor, são uma estratégia para evitar o desperdício do alimento que não é comercializado *in natura* na feira.

As dificuldades que os agricultores relatam, quanto às estratégias de produção e comercialização, também, são identificadas em relação ao transporte, à distância e à logística para dispor o alimento fresco no horário adequado, nas feiras. Além disso, ressaltam a importância da necessidade de um bom controle e planejamento das atividades na unidade de produção, para que, semanalmente, tenham produção em quantidade adequada e suficiente para a demanda dos consumidores.

“Há um esforço para conseguir trazer tudo fresco.” (A/F2)

“Estratégia de produzir uma quantidade que terá saída na semana, evitar desperdício e garantir o produto adequado, dentro da validade para o consumidor.” (A/F3)

“Esquecem às vezes as datas das feiras, mas agora começam a marcar o dia da feira. É importante realizar ações para os consumidores, folders que ajudem a divulgar e informar o consumidor sobre a feira. Também, é preciso mais tempo para organização, acho que evoluímos desde o início.” (F4)

A diferenciação de preço do produto comercializado na feira agroecológica, também, é ponto de relevância para o agricultor em relação ao comercializado nos mercados convencionais.

“No mercado, o meu produto orgânico é mais caro, o mercado coloca em cima. Aqui na feira o preço é mais acessível, tem variedade ampla de produtos, além de frutas, legumes, saladas. E eu tenho o suco natural para vender na hora.” (A/F5)

AS EMBALAGENS E O DESPERDÍCIO

A embalagem de plástico é considerada pelos agricultores/feirantes como um elemento negativo, utilizado na comercialização das feiras agroecológicas, sugerindo que deveria serem utilizados materiais biodegradáveis ou recicláveis. Mas, argumentam que ainda não encontraram uma alternativa para este problema. Estes apontam que o consumidor, também, deveria ter mais consciência e informação neste sentido, fazendo uso de embalagens retornáveis, trazendo sua própria sacola para a feira. Isto é uma responsabilidade de todo o sistema alimentar, inclusive e especialmente do mercado de alimentos. Entretanto, referem-se a dificuldades de encontrar alternativas de embalagens que facilitem algumas atividades como a pesagem de frutas e legumes e a separação das verduras.

“Deveríamos achar uma forma de embalagem que não envolva esse “plástico”. (A/F1)

“Tem consumidor que tem consciência, mas muitos não tem consciência sobre o plástico...” (A/F2)

“A embalagem... seguimos orientação da vigilância, o custo da embalagem é alto, ainda é um problema. O consumidor pede sacola plástica, não tem o hábito de trazer de casa a sacola. Para tudo ele pede uma sacola, isso teria que mudar. Deveria ser sacola retornável, acho que esta consciência deveria valer para todos, inclusive supermercado.” (A/F3)

“Há necessidade de evitar o plástico, já tenho ideias sobre embalar com produtos próprios da natureza como a folha de bananeira.” (F4)

“Com o tempo que vendemos na feira já se consegue programar a organização da quantidade de alimentos para trazer e evitar o desperdício ou perda de produto. O que sobra volta para a propriedade e alimenta os animais,

galinhas e peixes.” (A/F5)

Sobre as embalagens, também, são levantadas dificuldades em relação aos órgãos de fiscalização e a preocupação com o acúmulo de resíduos na biosfera. Consideram relevante o papel dos professores e da educação, recomendando a realização de pesquisas que apontem caminhos e soluções para a diminuição de geração de resíduos.

“Tem a questão de normas da vigilância, não visualizo como mudar devido a estas normas. Tem que seguir o que é definido, estas normas nem sempre respeitam o produto, tem produtos que a embalagem precisa estar aberta.” (A/F5)

“O consumidor é exigente, poderíamos exigir algo dele também (refere-se a sacola retornável), há um problema relacionado ao resíduo plástico e o acúmulo do lixo no planeta. É importante que os professores da universidade ajudem a apoiar e pensar como fazer” (A/F5)

AUTOCONSUMO E SOBERANIA ALIMENTAR: “TUDO QUE PLANTAMOS TAMBÉM NOS ALIMENTA” (A/F2)

Pelas respostas oferecidas foi possível identificar que os agricultores/feirantes, demonstram se envolver com a cozinha, com o preparo do alimento e o cardápio para a família. Percebe-se que distinguem o paladar diferenciado do alimento que produzem e ficam satisfeitos em alimentar todos com segurança e qualidade, muito além de garantir a renda necessária. Consideram relevante, inclusive, a alimentação adequada disponibilizada aos animais, buscando evitar o uso de rações industrializadas. Os relatos referentes ao autoconsumo e aspectos relacionados a soberania alimentar são percebidos em muitos momentos da entrevista onde demonstram satisfação e bem estar por garantir seu próprio alimento. Entretanto, quando questionados sobre o significado da palavra sustentabilidade é o momento onde mais estabelecem correlações com a soberania alimentar.

“O sabor é bem diferente, o gosto, nas frutas e legumes. O que você produz na propriedade é diferenciado... Você se sustenta com suas práticas alimentares, alimenta toda a família... a alimentação é adequada para os animais, não necessita ração.” (A/F1)

“Temos uma vida mais saudável na propriedade. Mudou tudo com a produção de orgânico, porque temos todo o alimento na propriedade. O sabor, o

paladar mudam totalmente quando comemos o orgânico.” (A/F2)

“A alimentação saudável é tudo, sentir gosto, sabor do alimento, o orgânico é primordial. Hoje mudou minha alimentação, quando você conhece o orgânico percebe a diferença.” (F4)

“Houve mudança após optar por alimentos orgânicos, pois tudo o que nós plantamos também nos alimenta.” (A/F2)

Andrews et al. (2019) destacam o movimento de resistência que significa a construção de um sistema alimentar diferenciado das empresas multinacionais. Uma mensagem apreendida pelos ativistas da soberania alimentar, como, organizações não governamentais agroecológicas, camponeses, sindicatos rurais, agricultores familiares, trabalhadores urbanos e a comunidade negra. Os autores consideram, também, que a melhor maneira de garantir uma alimentação adequada para todos é o fortalecimento dos agricultores familiares, camponeses e as populações tradicionais. Para estes, a resistência ao agronegócio deve ser uma luta nacional e política, onde a agroecologia assume o papel principal.

Mediante o cenário preocupante relacionado à insegurança alimentar, consequência da não-realização do direito à alimentação saudável, a agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável estabeleceu como segundo¹⁰, dentre os dezessete objetivos para o desenvolvimento sustentável (ODS): “acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável”, para tanto é necessário promover práticas agrícolas sustentáveis e apoio à agricultura familiar (ONU, 2015).

As práticas evidenciadas nos discursos, além de garantir a SAN, têm reflexos sobre a soberania alimentar¹¹. A noção de soberania alimentar, constitui-se como elemento fundamental ao contexto agroecológico e, conseqüentemente, ao desenvolvimento sustentável, mediante a construção de uma rede conceitual de DHAA (Direito Humano à Alimentação Adequada). A soberania alimentar, segundo Corrêa (2019), diz respeito ao “direito dos povos de definir a sua própria trajetória em termos de produção e consumo de alimentos”. Na dimensão internacional, a soberania alimentar relaciona-se a um processo histórico determinado pelo crescimento

¹⁰ ONU. Organização das Nações Unidas. Agenda 2030, Objetivo 02. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods2/> Acesso dez 2019.

¹¹ A Soberania Alimentar foi postulada como princípio, originalmente, pelo movimento internacional da Via Campesina no Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar realizado em Cuba em 2001, que estabeleceu como sendo, o direito de cada povo a definir suas próprias políticas agropecuárias e em matéria de alimentação, a proteger e regulamentar a produção agropecuária nacional e mercados domésticos a fim de alcançar metas de desenvolvimento com sustentabilidade, [...] defende a opção de formular aquelas políticas e práticas comerciais que melhor sirvam aos direitos da população a dispor de métodos e produtos alimentares inócuos, nutritivos e ecologicamente sustentáveis. (LVC, 2015).

econômico e a globalização. No âmbito local, a soberania alimentar se traduz em políticas públicas que deveriam viabilizar a inclusão da produção alimentar da agricultura familiar, das raízes tradicionais e locais (GRAIN INFORME, 2014), além de possibilitar canais de transporte e distribuição desta produção.

Assim, a ideia de soberania alimentar contribui com a necessidade de reconhecimento do “direito dos povos de decidirem o que desejam comer e como querem produzir seus alimentos”, fator que implica na dimensão cultural, ética, social, política, econômica e ecológica da sustentabilidade dos territórios. Além de que, ao considerar a categoria dos alimentos como bem comuns, torna-se relevante o debate sobre a “desmercantilização do alimento e construção de alternativas de governança plurais e democráticas em relação ao sistema alimentar” (CORRÊA, 2019, p. 39).

O SIGNIFICADO DA PALAVRA SUSTENTABILIDADE

Para os agricultores/feirantes, a percepção do conceito sustentabilidade está relacionada diretamente com a soberania alimentar, a capacidade de alimentar a própria família com segurança e qualidade e produzir um alimento saudável e nutritivo ao consumidor. Estes relatam a relevância da produção respeitar a conservação do ambiente, da conexão com a natureza, reforçando a sua preocupação com o bem estar dos animais e da biodiversidade. Referem-se, também, às práticas de baixa entropia no ecossistema global e o reaproveitamento de tudo que a unidade de produção gera, evitando, assim, práticas que gerem resíduos desnecessários ao ciclo produtivo.

Altieri (2012, p. 25), reforça esse aspecto, ao afirmar que “as pequenas explorações agrícolas são mais produtivas e conservam mais os recursos”. Ao questionar os agricultores/feirantes sobre o significado da palavra sustentabilidade foi possível identificar aspectos relacionados ao autoconsumo. Em um contexto geral das entrevistas, as percepções representam aspectos relacionados a multidimensionalidade da sustentabilidade, que segundo Caporal & Costabeber (2002) contemplam as dimensões ética, cultural, política, ecológica, econômica e social.

“Você se sustenta com suas práticas alimentares, alimenta toda a família, além de gerar a renda. É algo que se encaixa, os animais são tratados com excedente da produção, a alimentação é adequada para os animais, não necessita ração. Tudo se sustenta, os animais ainda produzem a adubação. Tudo é uma questão de organização...” (A/F1)

“Sustentável como algo que sustenta e muda a vida das pessoas. Isso mudou

muito nossa vida, temos mais interesse, mais vontade de produzir, ter uma vida mais saudável...” (A/F2)

“[...] sustentabilidade, ser sustentável pelo serviço que você faz, a sustentabilidade tem a ver com o trabalho. O impacto no meio ambiente é mínimo, acho que toda a organização que realizo diminui a contaminação do meio e por ser uma quantidade programada... considero meu alimento sustentável.” (A/F3)

“Sustentabilidade é um aprendizado, as pessoas ainda estão aprendendo. Como está em alta os orgânicos, as pessoas começam a relacionar o alimento a melhores práticas em suas vidas. Como o uso de embalagens retornáveis.” (F4)

Os agricultores/feirantes relembram os conhecimentos adquiridos com a rede de apoio e consideram este fato essencial ao considerar que sua unidade de produção se tornou sustentável através desta relação. Enfatizam uma relação positiva com a saudabilidade do alimento e satisfação em proporcionar ao consumidor o conhecimento sobre seu sistema de produção alimentar. Demonstram uma relação de cumplicidade e solidariedade com a comunidade, além de preservar a cultura e a tradição no campo.

“A reunião é importante para buscar informação, a organização, a união. Realizam um olhar externo, realizam visitas em outras propriedade pela Rede ECovida. As alternativas enriquecem e transformam sua propriedade em sustentável.” (A/F1)

“A gente tem uma relação de cuidado, carinho e amor com o alimento. Recebo visitas de alunos, consumidores sobre a propriedade orgânica e gosto de falar sobre minha vivencia. Muitos que vão, são filhos de agricultores, oriento os jovens que saíram do campo a voltar a cultivar e cultivar produtos orgânicos”. (A/F5)

Os agricultores demonstram reconhecer que a relação do homem com a natureza é fundamental para o sucesso do sistema produtivo. Estes referem-se a um “encaixe perfeito” ao demonstrarem compreensão sobre os aspectos da agroecologia neste cenário. A participação na cooperativa estimula a solidariedade e a ética relacionada à cadeia produtiva, aspecto perceptível nas entrevistas.

“A gente não agride a natureza, não devemos derrubar arvores para produzir,

precisamos otimizar o espaço. Por estar na cooperativa, você tem que ser cooperado. Produzir e deixar que os outros produzam também...” (A/F1)

“[...] para plantar o orgânico é possível uma interação, um respeito com a natureza. Proteger a terra, o mato.” (A/F2)

“Não me adaptei em feiras que não eram agroecológicas, não há parceria entre os feirantes.” (A/F2)

“[...] a produção colabora 100% com a natureza.” (A/F5)

Um aspecto importante apresentado nas falas é a íntima relação de reciprocidade com a natureza, através da preocupação com a preservação da biodiversidade.

“Na propriedade tem uma biodiversidade de espécies selvagens que circulam. Tiro fotos dos animais que estão na propriedade, os animais selvagens são doces e se aproximam da gente. Hoje não troco minha forma de viver.” (A/F5)

A presença e o apoio do Estado são considerados essenciais e necessários pelos agricultores/feirantes, bem como, a responsabilidade política e social na promoção da segurança alimentar e nutricional, além da preservação ambiental, que, segundo os relatos, está diretamente relacionada ao agricultor familiar.

“Vejo que a produção convencional acaba com o mundo. É importante o apoio do município no saneamento, em programas para o pequeno produtor. Acho que a prefeitura poderia ajudar também na produção de mudas, para produção de alimentos, para os produtores, para reflorestar.” (A/F5)

Sobre a palavra sustentabilidade, o discurso demonstra uma profunda relação do produtor com sua produção.

“É uma palavra que deve ser dita toda hora, me lembra a cesta sustentável. É uma palavra bonita, já lembra o orgânico, o natural. Ela tem relação com a produção do alimento orgânico, mas é uma palavra que se fala pouco.” (A/F5)

OS DIFERENTES MOMENTOS E ATORES DAS FEIRAS

FEIRANTES E CONSUMIDORES NAS FEIRAS

Nas feiras, observando o comportamento e a interação entre os agricultores,

feirantes e consumidores (comunidade no bairro e universitária), foi possível constatar que os consumidores questionam a origem dos alimentos e, se este, é produzido pelo próprio agricultor/feirante. A feira possibilita um diálogo entre os consumidores e os agricultores/feirantes onde ocorre a troca de saberes sobre receitas culinárias, origens e tradições relacionadas aos alimentos, bem como, experiências sobre paladar, sabor e hábitos alimentares. O consumidor questiona sobre a validade, durabilidade do produto no sentido de estar comprando algo fresco (para consumo semanalmente) e sua certificação de orgânico, sempre de forma educada e cordial com o agricultor/feirante.

Os hábitos alimentares da família são compartilhados durante a feira pelo consumidor, onde este relata qual a preferência e o que ele busca na feira para atender a preferência dos membros de sua família. Também, procuram diversificar sua compra, levando verduras, legumes e frutas.

A maioria dos consumidores não possui o hábito de trazer as sacolas retornáveis para acondicionar os alimentos, utilizando-se de sacolas plásticas disponibilizadas pelos feirantes.

Os alimentos são dispostos pelos agricultores/feirantes em mesas e caixas, em grandes quantidades para comercialização a granel, o que facilita a escolha do alimento e a sua quantidade pelo consumidor. Na feira, também, são comercializados panificados e embutidos, em menor quantidade do que os alimentos *in natura*.

No campus universitário, os alunos procuram por alimentos prontos para consumo na hora do intervalo, além de sucos naturais e caldo de cana.

Entre os agricultores/feirantes percebe-se uma relação próxima e acolhedora, a preocupação para que todos se alimentem adequadamente na hora do almoço que ocorre durante a feira e a preocupação em não disputar a venda do mesmo produto, procurando diversificar sua produção para que todos tenham uma renda adequada.

O GRUPO ORGANIZADOR DAS FEIRAS

As feiras organizadas nos bairros de Pato Branco têm um grupo que coordena a organização destas. Este grupo é composto por membros da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, Polo de Pesquisa do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná IAPAR-EMATER – IDR-Paraná, Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural – Assesoar, organizações sindicais, cooperativa, além de outros agricultores envolvidos. Este grupo se constituiu uma importante fonte de organização e planejamento para garantir a continuidade das feiras.

Nas reuniões desse grupo são estabelecidas estratégias para a oferta e acesso aos alimentos orgânicos, elencando dificuldades do cotidiano dos agricultores e

feirantes com o intuito de procurar assistência técnica adequada e apoio, sempre que necessário, para resolução e inovação constante. Além disso, estes organizam eventos e visitas para divulgação e troca de conhecimento e experiências sobre a alimentação saudável, aberta à toda população.

Cada membro do grupo assume determinada responsabilidade nas ações estabelecidas e colabora com a manutenção do projeto e sua divulgação. As reuniões deste grupo ocorrem frequentemente e estes membros acompanham todas as feiras, o que possibilita o entrosamento entre os participantes e acelera as decisões necessárias para a consolidação e continuidade das feiras.

A TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE AGRICULTORES E CONSUMIDORES NAS UNIDADES DE PRODUÇÃO

O grupo organizador das feiras promoveu uma viagem intitulada “Via da alimentação saudável”, uma estratégia para aproximar consumidores e agricultores das feiras agroecológicas. A partir do tema “Eu conheço quem planta a minha comida” foi proposto uma visita às unidades de produção das famílias de agricultores que abastecem as feiras agroecológicas.

A experiência possibilitou aos consumidores conhecer detalhes sobre a produção do alimento orgânico e o que envolve esta forma de cultivo. A multidimensionalidade da sustentabilidade foi percebida pelo grupo de consumidores que, verbalizaram durante a viagem os vários aspectos que a agroecologia proporciona às pessoas e ao ambiente, além de compartilhar experiências e hábitos alimentares, valendo-se do lazer que o meio ambiente proporcionou nas unidades de produção. O contato com a natureza demonstrou-se positiva na promoção do bem estar das pessoas do grupo que relatavam satisfação durante a viagem.

A troca de saberes no preparo de alimentos também foi ponto de discussão, visto que, as famílias dos agricultores/feirantes proporcionaram a degustação dos alimentos produzidos por eles.

Esta troca de experiências possibilitou aos consumidores compreenderem como se dá a certificação do alimento orgânico e o trabalho necessário para oferecer aos consumidores o acesso a uma alimentação segura e de qualidade. Durante a visita, os consumidores tiveram a oportunidade de conhecer a cooperativa dos produtores e a organização não governamental que apoia e presta assistência técnica, que repassou orientações sobre a alimentação saudável.

Os consumidores e agricultores/feirantes estabeleceram um vínculo que reforçou a comunicação entre ambos. Também, foi criado um grupo, por aplicativo de celular, onde compartilharam imagens da viagem. Neste grupo, sempre é lembrado os dias

e horários das feiras, os consumidores realizam pedidos e os agricultores/feirantes comunicam quais alimentos estarão disponíveis conforme a sazonalidade destes.

O acesso a internet e meios de comunicação eletrônica representam, para os agricultores/feirantes, uma forma importante para comunicação, divulgação e conscientização sobre a relevância da agroecologia e dos alimentos orgânicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os agricultores familiares, produtores de alimentos orgânicos, são atores chaves na promoção da segurança alimentar e nutricional além da soberania alimentar, representando um suporte indispensável ao desenvolvimento sustentável do território. A agricultura familiar, antes de ser uma atividade econômica, é uma atividade cultural, pois, mais do que tratar de processos naturais, trata de processos socioculturais, de uma construção humana. Neste sentido, considera-se o homem como um ser cultural, o que o distingue dos demais seres vivos. (CAPORAL, 2006).

A agroecologia como uma matriz integradora neste contexto apoia a transição de sistemas convencionais para uma produção e consumo mais sustentável. Assim, configura-se como o verdadeiro processo de modernização, neste sentido “comer se torna um ato político”.

Conhecer as estratégias de produção e comercialização, a partir da percepção do agricultor/feirante sobre o consumidor em feiras agroecológicas é fundamental para a manutenção das cadeias curtas de produção, o que estimula o desenvolvimento regional baseado nos princípios de uma economia da sobrevivência, identificado neste estudo pelo compromisso com a preservação das oportunidades das gerações futuras.

A pesquisa evidenciou que, na percepção dos agricultores/feirantes, os consumidores buscam por alimentos de qualidade, saudáveis, e com diversidade alimentar para o consumo semanal, também demonstram preocupação com a origem do alimento e seu impacto ambiental. A partir disto, os agricultores estabelecem estratégias de comercialização que visem atender estas percepções e contribuir para uma conscientização de um consumo mais sustentável.

Dentre as estratégias evidenciadas no estudo, por parte dos agricultores/feirantes, vale destacar o trabalho do agricultor para propiciar a oferta de uma grande diversidade de alimentos, a logística e o transporte adequado para dispor as feiras em locais e horários acessíveis, a conscientização do consumidor sobre a saudabilidade e sazonalidade do alimento orgânico, a certificação da qualidade, a comunicação em mídias eletrônicas para divulgação das feiras orgânicas e a possibilidade do consumidor conhecer quem produz e como é produzido o alimento encontrado nas feiras.

Considera-se que a transição agroecológica é um caminho necessário para

o acesso ao alimento saudável e nutritivo, tanto para o autoconsumo, garantia de soberania alimentar para a população em estudo, quanto ao consumidor. O significado de sustentabilidade para os agricultores/feirantes tem um aspecto multidimensional e contribui com suas estratégias de diversificação dos alimentos, preservação ambiental e interação social solidária, além de gerar qualidade de vida, segurança alimentar e nutricional, soberania alimentar e bem estar, tanto às famílias dos agricultores quanto aos consumidores.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista nera**, n. 16, p. 22-32, 2012. <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1362>

ANDREWS, Donna. et al. **Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição: O poder das mulheres na luta por soberania alimentar**. Vol. 11, Ed. Brot fuer die Welt, 2019, ISBN: 978-3- 943202-52-6, Brasil. Disponível em: https://www.righttofoodandnutrition.org/files/rtn-watch11-2019_por_b.pdf

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011. 383 p. Sobre a lógica da distribuição de riqueza e da distribuição de riscos. pp. 23 a 60 (Capítulo I).

BRANDEMBURG, Alfio.; BEZERRA, Islandia.; GIORDANI, Rubia. C. F. (2016). Soberania alimentar, desenvolvimento territorial e sustentabilidade: olhares e contextos. **Guaju**, vol. 2, p. 2-13, 2016.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira / ministério da saúde, secretaria de atenção à saúde, departamento de atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília: ministério da saúde, 2014.**

BRASIL. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. **Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 set. 2006.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Sistema de**

informações gerenciais da produção orgânica – sigorgweb. Acesso em: 20 de fev. Disponível em: <http://sistemas.agricultura.gov.br/sigorg/web/public/#/home.htm>

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil). **Relatório de Produção Orgânica, 2018.** Acesso em 20 fev 2020. Disponível em: <https://portal.apexbrasil.com.br/noticia/PRODUCAO-DE-ORGANICOS-CRESCE-E-EMPRESAS-INVESTEM-NA-BIOFACH/>

CAPORAL, Francisco. R.; COSTABEBER, Jose. A.; PAULUS Gervásio. **Agroecologia:** matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: 3rd Congresso Brasileiro de Agroecologia, Florianópolis, Brasil, Anais: CBA. 2006.

CAPORAL, Francisco. R.; COSTABEBER, Jose. A. Segurança alimentar e agricultura sustentável: uma perspectiva agroecológica. **Ciência & ambiente**, v. 1, n. 27, p. 153-165, 2003.

CAPORAL, Francisco. R.; COSTABEBER, Jose. A. Análise multidimensional da sustentabilidade. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 3, p. 70-85, 2002.

CAPORAL, Francisco. R. **AGROECOLOGIA:** uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília: 2009. p. 1-30.

CECHIN, A. D.; MAGALHÃES, R. S. **A economia da sobrevivência e seus fundamentos sociais.** VII Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, Fortaleza, p. 28-30, 2007.

CPRA. **Centro Paranaense de Referência em Agroecologia.** 2020. Disponível em: <http://www.cpra.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=137>
Acesso em 15 fev. 2020.

CORRÊA, Leonardo. et al. **Diálogos sobre o Direito Humano à Alimentação Adequada.** Juiz de Fora, MG: Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

FAO, Declaração de Roma Sobre Segurança Alimentar Mundial e Plano de Acção da Cimeira Mundial da Alimentação. **Cimeira Mundial da Alimentação Roma,**

FAO, 1996. Disponível em : <http://www.fao.org/docrep/003/w3613p/w3613p00.htm>

FAO, OPS; Y UNICEF, W. F. P. **Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional en América Latina y el Caribe**, 2016. Santiago, 2016.

DÍAZ-MÉNDEZ, Cecilia.; LOZANO-CABEDO, Carmem. **Food governance and healthy diet an analysis of the conflicting relationships among the actors of the agri-food system**. Trends in Food Science & Technology, 2019.

FLORIANI, Nicolas.; FLORIANI, Dimas. Saber ambiental complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, 2010.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **Entropy law and the economic process**. Cambridge, Harvard University Press, 1971.

GIDDENS, Anthony.; BECK, Ulrich.; SCOTT, Lash. (Orgs.). **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP. 1997.

GRAIN INFORME. **La soberanía alimentaria a la venta**. Octubre 2014.

GODOY, Wilson.; DOS ANJOS, Flavio S. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Cadernos de Agroecologia**, v. 2, n. 1, 2007.

LVC. La Vía Campesina. **Declaración Foro Internacional de Agroecología**. Disponível em: <http://viacampesina.org/es/index.php/temas-principales-mainmenu-27/agricultura-campesina-sostenible-mainmenu-42/2354-declaracion-del-foro-internacional-de-agroecologia>

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002.

MINAYO, Maria. Cecilia. S. Pesquisa social: teoria método e criatividade. 16. ed. Petrópolis: **Vozes**, 2000. 108p.

MINAYO, Maria. Cecilia. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em**

saúde. Rio de Janeiro, Hucitec-Abrasco, 1992.

MONTEIRO, Carlos. Augusto. et al. **Ultra-processed foods, diet quality, and health using the NOVA classification system**. FAO: Rome, 2019.

MUELLER, Charles. C. Economia, Entropia e Sustentabilidade. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 29, n. 4, p. 513-550, 1999.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Agenda 2030**, Objetivo 02. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods2/> Acesso dez 2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Metas 2030**: novos objetivos de desenvolvimento sustentável. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> Acesso dez 2019.

PEREZ-CASSARINO Julian. et al. **Abastecimento alimentar e mercados institucionais**. Chapecó: Ed. UFFS; Praia, Cabo Verde: UNICV, 2018. – 322 p

PERONDI, Miguel. A. **Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar**. 2007.

SANTOS, G.C. dos; MONTEIRO, Magali. Sistema orgânico de produção de alimentos. **Alimentos e Nutrição Araraquara**, v. 15, n. 1, p. 73-86, 2008.

SCHNEIDER, Sergio.; FERRARI, Divan. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar - O processo de realocização da produção agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, vol. 17, n. 1, p. 56-71, Jan. 2015.

SOUZA, Altamir. et al. **A obsolescência planejada**: uma reflexão frente aos problemas socioambientais brasileiros. 2007.

TRENTIN, Matheus. PERONDI, Miguel. A. **A relação produto/consumidor na Feira de Produtos Orgânicos e Artesanais do Bairro em Pato Branco**. 2019.